

## Entrevista com Edméa Oliveira dos Santos

Werley Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Edméa Oliveira dos Santos é Pedagoga pela UCSAL, mestre e doutorada em Educação pela UFBA. Tem pós-doutorado em *e-learning* e EaD pela UAB-PT, atua como professora adjunto da Faculdade de Educação da UERJ. Faz parte do PROPED – Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa: “Cotidianos, redes educativas e processos culturais”. É líder do GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Membro do Laboratório de Imagem da UERJ. Coordenadora do GT 16 “Educação e Comunicação” da ANPED, membro da diretoria (vice-presidente na atual gestão 2018-2020) do Conselho Científico Deliberativo e da ABCIBER – Associação de Pesquisadores em Cibercultura. Também é chefe da linha de pesquisa “Cotidianos, redes educativas e processos culturais” do PROPED/UERJ. É atuante na formação inicial e continuada de professores e pesquisadores. E-mail: [edmeabaiana@gmail.com](mailto:edmeabaiana@gmail.com) e sites<sup>2</sup>.

**Werley Carlos de Oliveira (WCO):** Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória como pesquisadora da cibercultura e formação docente.<sup>3</sup>

**Edméa Oliveira dos Santos (EOS):** A minha trajetória, prefiro falar em itinerância, como pesquisadora do campo da cibercultura e da educação, especificamente, investindo na formação de professores, é bem importante demarcar e frisar esse lugar, porque a área da educação é um campo enorme de natureza interdisciplinar e multirreferencial, a educação não é exatamente uma ciência, mas é um campo temático que para existir necessita da articulação entre o conhecimento científico e os saberes cotidianos, sobretudo, aqueles saberes mobilizados na experiência e na prática docente. É exatamente no contexto das práticas que professores e alunos constroem juntos o conhecimento a partir de diversas mediações, dentre elas, as mediações humanas, as mediações entre os humanos e os artefatos tecnológicos culturais e também curriculares.

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da PUC-SP. Trabalha e pesquisa educação corporativa com uso de ambiente virtual de aprendizagem. E-mail: [werleycoliveira@gmail.com](mailto:werleycoliveira@gmail.com).

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.docenciaonline.pro.br>>, <<http://www.proped.pro.br>> e <<https://www.facebook.com/edmea.santos>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

<sup>3</sup> Para a realização dessa entrevista, a metodologia usada foi gravação do relato oral, com perguntas estruturadas e posterior transcrição do conteúdo pelo próprio entrevistador.

Sendo educação esse campo tão amplo, eu sempre me interessei pela docência, que é esse trabalho do chão da sala de aula presencial e/ou no espaço online, como também na relação cidade ciberespaço.

O trabalho docente é o lugar da minha implicação, da minha militância, não dá para discutir o trabalho docente sem pensar a formação de professores. Do ponto de vista da educação essa é a minha opção, porque sabemos também que na cibercultura a diversidade de objetos de pesquisa e os fenômenos é enorme. Sempre me interessei por tecnologias digitais em rede. A minha relação com a cibercultura acontece, principalmente nos anos 80, ainda adolescente comecei a trabalhar com computador, quando os microcomputadores começaram a invadir os espaços domésticos, na época eu tinha 15 anos. Comecei a programar muito cedo, fiz uma formação específica na área da informática e depois fiz educação/pedagogia. Eu gostava de tecnologia e já era uma informata, assim fiz a relação entre a discussão do pensamento computacional e do uso do computador, pensando a formação de professores, isso começou desde a graduação, com a pesquisa de iniciação científica e depois com o processo formativo na área de pós-graduação com mestrado e doutorado. Nesse contexto de pesquisar eu já era professora universitária e trabalhava na formação de professores, desenvolvia pesquisas na área.

A minha pesquisa começou pensando, refletindo e tentando compreender os usos dos computadores em situações escolares na escola básica, depois eu me interessei exatamente pela cultura digital, o que acontecia no social? O que acontecia no mundo sociotécnico e cultural, uma vez que os seres humanos já estavam se apropriando do digital em rede.

No mestrado, estudei como o digital poderia intervir em práticas curriculares, trabalhando gestão do conhecimento, minha pesquisa de campo foi na PUC, na Comunicação e Semiótica, estudando o software as “Árvores do Conhecimento”, de autoria do Pierre Lévy e Michael Althier. Fui muito bem recebida pelo professor Rogério da Costa, em seguida estudei os ambientes virtuais de aprendizagens para pensar e tentar compreender a relação dessas plataformas como o espaço concreto de formação e de ambiência para construção do conhecimento.

No doutorado eu quis ousar um pouco mais, porque no mestrado eu vi que o digital ainda estava subutilizado ou, muitas vezes, utilizado como meio massivo para fazer educação a distância e não exatamente a educação online. Assim, optei pelo uso criativo de situações de aprendizagem para formação de professores desenvolvendo uma didática online. Além de desenvolver situações de formação dentro de ambientes virtuais propondo concretamente situações diferentes para o planejamento, avaliação e as próprias mediações, também, atualizei o método de pesquisa, que é a pesquisa-formação. Defendi a tese que educação online de qualidade não deveria ser uma mera evolução da EaD clássica, aquela mediada pelos meios massivos, mas que deveria ser uma prática de aprendizagem formal/não formal mediada pelo digital em rede, lançando mão das aprendizagens, descobertas e autorias de quem realmente está imerso na cultura, ou seja, da cibercultura.

Após a defesa da tese, continuei no ensino superior, mudei de instituição, e há dez anos, através da minha liderança do GPDOC (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura) desenvolvemos situações de ensino/aprendizagem e formativas e, sobretudo, atualizando em cada dissertação e tese o método, por nós instituído, que é o da pesquisa-formação na cibercultura.

**WCO:** Quais concepções pertinentes à cibercultura trazem novos desafios para quem está pensando o currículo nas escolas?

**EOS:** Para responder uma pergunta sobre as concepções da cibercultura e que concepções da cibercultura são pertinentes a educação e ao currículo é preciso entender que a cibercultura é a cultura contemporânea, uma vez que essa cultura contemporânea é mediada, estruturada e condicionada pelas tecnologias digitais em rede em todas as suas formas, apropriações, engendramentos, controvérsias, atualizações e materialidades.

A relação entre humanos, objetos técnicos, seus fazeres, seus rastros e suas operações de usuários, como diria Michel de Certeau, tudo isso vai dando forma e conteúdo a cultura contemporânea.

No Brasil, e internacionalmente, já está consolidado um campo de estudos interdisciplinar e multirreferencial, sobre essa forma de estar e ser no mundo com as mediações do digital em rede.

As concepções da cibercultura são várias porque entendemos a cibercultura como a cultura contemporânea. Cada vez que o digital em rede se atualiza, modos de ser e de estar são engendrados.

Em um primeiro momento da cibercultura tínhamos práticas humanas, geração de informações, conteúdo, processos educacionais, sociotécnicos, em geral, principalmente estruturados pelo uso do *desktop*, então, nosso corpo era condicionado a uma mesa de trabalho, *desktop* – mesa de trabalho – juntamente com o computador que também era chamado de *desktop* – estação de trabalho. Lembro bem que naquele momento da cibercultura o acesso ao ciberespaço era inclusive entendido por nós através de uma sensação física, escutávamos o som do telefone conectando e se desconectando, o computador se conectando a uma rede telemática.

Nós temos na literatura da cibercultura, principalmente a partir dos conceitos de Pierre Lévy, a cibercultura como a cultura do ciberespaço, tínhamos uma sensação de que o ciberespaço era um outro espaço, muitas vezes, desterritorializado porque a gente comparava com o território físico, mas a verdade não era exatamente esse conceito de desterritorialização, uma vez que dependíamos de territórios físicos e mecânicos para acessar esse ambiente virtual.

A cibercultura ficou por um certo tempo conceituada por todas as operações de usuários, por todas as nossas autorias, pelas formas com a quais habitávamos o ciberespaço e todas as suas manifestações, sejam as próprias interfaces da web, em uma fase da web 1.0, por exemplo, os ambientes virtuais de aprendizagem, chamados LMS, e tantas outras interfaces.

Com o avanço do próprio ciberespaço, com o avanço da própria web, a web 2.0, acabamos instituindo outros modos de ser e de estar, de um jeito até mais interativo, porque em um primeiro momento precisávamos dominar a linguagem da informática para produzir conteúdo e se comunicar na web 1.0, nesse momento, como que nós educadores utilizávamos ou habitávamos a própria internet? É interessante relacionar essa concepção com o modo de atuação no currículo, os professores, em geral, usavam

a internet como um lugar para saquear conteúdos, buscar conteúdos, e esses conteúdos muitas vezes eram levados para o espaço físico da sala de aula para o trabalho *face to face*, mas o contrário também acontecia, muitos projetos realizados nas escolas iam para internet como forma de divulgação, por exemplo, professores realizam projetos com seus alunos em salas de aula, muitas vezes, no contexto de um laboratório de informática e publicavam esses feitos, esses projetos, as autorias desses produtos na internet, a gente até chamava, naquela época, de páginas, *homepages*. Tínhamos *homepages* de professores em que eles publicavam os seus projetos e seus resultados, como tínhamos as *homepages* das próprias escolas.

Na primeira fase da cibercultura para o currículo escolar a internet era, exatamente, uma mídia de publicar os feitos, as produções de um currículo praticado por professores, gestores e alunos ou um espaço de buscar informações. Porém, os professores se queixavam de não encontrar tudo que queriam ou precisavam na internet. Naquele momento já atuávamos na formação de professores e foi exatamente aí que começou a minha relação mais profissional de formação de professores usando a própria internet. Desenvolvíamos atos de currículos e projetos de formação de professores muito mais ligados ao incentivo de torná-los mais autores com as mediações das tecnologias digitais, se o professor não encontrava o conteúdo que queria, por que não então produzir, com seus alunos, esses conteúdos para que outros professores conseguissem encontrar?

Num primeiro momento, todo o nosso investimento foi com autorias, desenvolvimento de materiais pedagógicos, artefatos curriculares e projetos.

Com a evolução das interfaces mais interativas, como por exemplo, os blogs marcam um corte epistemológicos fazendo a web 2.0 acontecer, principalmente no Brasil, eles foram as interfaces que causaram um divisor de águas entre uma internet usávamos para publicar e a internet que passamos a habitar, não separando mais os tempos de publicar, criar e se comunicar em rede.

Os blogs e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem transformaram a internet em um lugar de produção do conhecimento, de comunidades de práticas online, isso foi muito importante porque em vez de usar só para buscar ou para incluir conteúdo, passamos a habitar, a engendrar currículos online, salas interativas e a instituir aquilo

que a gente chama de educação online. Na verdade, a gente já fazia educação online na época da web 1.0, eu inclusive publiquei um artigo histórico em co-autoria com Alexandra Okada, que hoje é da *Open University* – UK, o título do artigo é “Ambientes virtuais de aprendizagem por autorias livres, plurais e gratuitas”, no qual a gente já trazia o conceito de ambiente virtual usando a própria conceito de web 1.0.

Uma vez que a web 2.0 avança em interface, fazendo o professor produzir conteúdo, arquitetar situações de aprendizagem, praticar currículos online, os blogs e os ambientes fizeram com que essas práticas ganhassem mais potência, e foi aí que nós desenvolvemos as nossas primeiras pesquisas de mestrado e depois doutorado.

No doutorado, inclusive, eu forjei uma didática online desenvolvendo situações de aprendizagem já dentro do contexto das interfaces de um ambiente virtual, nessa ocasião eu pesquisei a noção de educação online como fenômeno da cibercultura e não exatamente uma evolução da EaD, também pesquisei uma atualização de um método de pesquisa que não separa a docência da investigação acadêmica, que é a pesquisa-formação na cibercultura. A minha autoria no doutorado tem essa triangulação, eu cunho uma tese procurando me inspirar muito mais no que acontecia na cena cultural da cibercultura para pensar os currículos online, mas também desenvolvi situações, atos de currículos online usando interfaces digitais, por exemplo: como criar portfólios para avaliação formativa usando fóruns? Como trabalhar diários de campos, diários de bordo usando interfaces como diários ou até mesmo os próprios fóruns? Como pensar novas formas de trabalhar de forma síncrona usando os bate-papos? Como pensar o projeto pedagógico a moda do hipertexto?

Nos currículos massivos, geralmente, o professor arquiteta o planejamento, o conteúdo, ou seja, prepara tudo para ofertar.

Na minha tese eu inaugurei essa concepção de que um desenho didático é forjado e construído durante o processo. Eu uso a noção do hipertexto para pensar o planejamento, emergindo de forma muito clara uma concepção da cibercultura dentro de uma proposta curricular.

A web 2.0 avança bastante, a gente já tem a web semântica, aquilo que estamos chamando de web 4.0 já explodiu, já saiu do ciberespaço, no sentido de ir além do conhecemos por web.

A web 4.0 é um conjunto de soluções/artefatos que estão na internet, no que entendemos por web, mas que estão também na cidade, através da internet das coisas, da Inteligência Artificial, e até dos próprios processos de produção de bens, serviços e conhecimento, a exemplo das *startups*, dos *fablabs*, do *co-worker*, das mídias locativas, das tecnologias que levam as informações das cidades para o ciberespaço e vice-versa.

Tudo isso nos convida a pensar outras formas de fazer currículo, não apenas sintonizadas ou forjadas na web, no ciberespaço, como classicamente conhecemos.

Hoje, falamos em currículos ubíquos e disruptivos, isso tem provocando, inclusive, mudanças nos processos de gestão, envolvendo a mobilidade dos alunos entre unidades curriculares e instituições de ensino, a própria criação dessas unidades a partir dos projetos específicos dos alunos, a bricolagem com ambientes pessoais e coletivos de aprendizagem, ambientes colaborativos. Assim, quando pensamos no currículo, pensamos numa combinação de práticas de educação online com também de educação aberta. Com a bricolagem estamos criando situações com aplicativos para celular que chamamos de *app learning* (Santaella), *app docência*. Então, não dá para pensar práticas curriculares sem pensar em conceitos, noções-chave da própria cibercultura, como as noções de hipertexto, interatividade, simulação, mobilidade, ubiquidade. Nosso desafio, hoje, é como podemos operar com essas noções em ato, como desenvolver currículo em ato, que sejam mais hipertextuais, desde o planejamento, a gestão dos processos e as avaliações mais interativos, gerando muito mais conversa entre professores e alunos, alunos e professores, alunos e alunos, alunos e conteúdos, conteúdos e conteúdos, artefatos e artefatos... Pensar interatividade para além da relação com a mídia, simular. Simulação é um conceito muito caro para nós, através das metodologias interativas, como simular situações, fazer de conta, trabalhar com casos, com projetos, com estudo de meio. Como trazer as metodologias interativas e ativas para potencial do digital e as próprias práticas curriculares?

As noções de mobilidade e ubiquidade também tem nós inspirado bastante a pensar atos de currículos, artefatos de currículos e docências também em mobilidades urbanas através dos nossos celulares e de outros dispositivos móveis e inteligentes. Cada vez que uma interface é forjada com ela um uso também é forjado e esse uso

cultural pode nos inspirar bastante em situações formais de aprendizagem, porque do ponto de vista da cultura estamos sempre aprendendo com o digital que se atualiza constantemente. Nesse sentido, temos na docência e na pesquisa muitas inspirações que vem exatamente do lugar da cultura de onde habitamos com nossas singularidades e autorias.

**WCO:** Em seu pós-doutorado, você abordou a “formação de professores e pesquisadores em programas de pós-graduação online”, qual a principal mudança na formação de docentes com a inserção da cibercultura? Qual o papel do professor na educação online?

**EOS:** Essa pergunta é muito boa, até porque neste momento a legislação brasileira já aprova a pós-graduação a distância, a pós-graduação *stricto-sensu* a distância, bastante questionável, num momento histórico e político no qual a legislação abre para essa possibilidade metodológica, mas essa é uma luta de nós educadores, pesquisadores da área da cibercultura e da educação, em especial do campo da educação online, porque pesquisamos em contexto de docência, em contexto de currículo em ato, no qual a docência se materializa e se efetiva.

Sabemos dos potenciais pedagógicos comunicacionais, políticos, éticos e estéticos do digital em rede, nessas relações comunicacionais e sobretudo educacionais. Nossas pesquisas, principalmente, no campo da formação de professores em contexto de formação continuada, na extensão, no aperfeiçoamento e também na graduação, mostram que é possível que um Ambiente Virtual de Aprendizagem se constitua em um espaço de pesquisa e formação e de formação de pesquisadores e professores.

É fato que o mundo já faz educação online para pós-graduação *stricto-sensu*, mas que infelizmente o Brasil não conseguiu através da CAPES, e anteriormente a extinta SEED (Secretaria de Educação a Distância) aprovar e regular a oferta.

Porém, no Brasil, é preciso muito calma nessa hora, uma vez que, sabemos que há um mercado sedento para agregar, para ocupar este espaço. O nosso país é praticamente um continente, tem dimensões de um continente, existe o mercado da educação superior, vindo de multinacionais, querendo mais esse filão, temos de ter

muito cuidado para que não banalizemos a formação do pesquisador em nosso país. Por outro lado, sabemos que precisamos democratizar o acesso a pesquisa, também para potencializar as docências. Sei que a pergunta não foi essa, mas eu gostaria de responder falando do nosso país.

No Brasil contamos com um grupo de pesquisa autorizado e com experiência na Universidade Aberta. Na graduação existe um bom número de professores e pesquisadores com doutorado, assim, existe todo um contexto para termos mestrado e doutorado online, preferencialmente. Nós temos essa condição.

Precisamos ter apoio institucional, legislação, financiamentos das agências de fomento. CAPES e CNPq, terão que investir na formação para a oferta, para realmente podermos fazer a formação do pesquisador com qualidade.

Por conta deste interesse, em 2013, eu fui fazer o pós-doutorado para investigar como a Universidade Aberta de Lisboa vinha fazendo mestrados e doutorados online.

Sabemos que o conceito de *Open University* é amplo, temos experiências bem-sucedidas, principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas eu preferi fazer a pesquisa na Universidade Aberta de Portugal, por ela atuar em língua portuguesa no mundo inteiro e também por já saber que o modelo pedagógico é bastante sintonizado com pesquisas no Brasil. A minha pesquisa foi realizada dentro de um contexto de um curso de mestrado, que por acaso tem a preocupação em formar docentes online, o nome do curso é “Mestrado em Pedagogia do e-Learning”, que forma pesquisadores para o ensino online, não só o ensino, mas também a pesquisa. Percebi que, do ponto de vista do currículo que é extremamente possível. Uma das coisas que mais me agradaram na gestão desse currículo foi a garantia de ter uma turma de até vinte pesquisadores em formação para cada professor doutor formador. Eu não vi massificação da formação do pesquisador, muito pelo contrário, o que eu vi na universidade aberta foi qualidade no sentido de garantir a conversa entre alunos e professores no contexto das suas unidades curriculares em desenhos didáticos que incentivam não só o auto estudo mediado pelo que há de mais inovador em tecnologia digital e conteúdos online, mas também, a preocupação em desenhos didáticos colaborativos. Os professores desenham a intencionalidade pedagógica pensando

muito na interatividade, no trabalho em grupo, na produção coletiva, lançando mão do potencial comunicacional, síncrono e assíncrono, das interfaces dos ambientes virtuais, toda a sala de aula é engendrada com ambientes virtuais de aprendizagem que dialogam com espaços-tempos que os alunos habitam na cibercultura.

Eu acho que essa pergunta precisa de uma reformulação, vocês perguntam: qual a principal mudança na formação de docentes com a inserção da cibercultura?

A cibercultura não é algo para ser inserida, eu acho que houve uma confusão, o que inserimos nos processos são as tecnologias digitais em rede, a cibercultura é a própria cultura contemporânea mediada e estruturada por essas tecnologias digitais em rede.

Na Universidade Aberta de Portugal eu tive acesso a currículos online estruturados por ambientes virtuais de aprendizagem formais, mas esses ambientes não eram ilhas, não eram aquilo que André Lemos chamou a tempos de “portal curral”. Eram desenhos didáticos que tinha a intencionalidades formativas dentro da própria plataforma, mas essas atividades dialogavam com atividades que aconteciam também em diversas interfaces da web 2.0, como também já com alguma inserção em uso de dispositivos moveis e aplicativos, como exemplo, o uso de *e-books* que os alunos podiam adquirir em lojas online, a leitura no *tablet* e no celular eram bastante incentivadas. Então havia uma convergência de mídias e dispositivos, muito acesso a repositórios científicos, revistas científicas, livros, uma conversa online diária e potente numa relação de alunos com professores doutores. Não encontrei práticas de tutoria, o que muito me agradou na pós-graduação, nos cursos de graduação por uma necessidade de formar pessoas em massa, muitas vezes o professor acaba sendo substituído por um tutor que assume um papel de tutor reativo, apenas tirando dúvidas de conteúdo, assumindo a mera instrução, em vez de assumir a educação.

Na pós-graduação eu vi exatamente aquilo fazemos na pós-graduação presencial no Brasil, a gente tem as disciplinas que compõem os créditos curriculares em que temos professores doutores com experiência e formação, acompanhando mestrandos e doutorandos, isso é fundamental.

Também pude vivenciar a experiência de ser docente, o meu pós-doutorado se configurou na Universidade Aberta de Lisboa com a experiência de professora

visitante, eu fui professora de um módulo de uma unidade curricular, deste mestrado que eu citei; “Pedagogia do e-Learning”. Pude exercer a docência e acompanhar de perto o engendramento deste currículo, o que muito me agradou. Eu espero que no Brasil tenhamos a possibilidade de fazer experiências parecidas, inclusive tendo na pós presencial mais ousadias em currículos online.

O papel do professor na educação online é o de arquitetar, mediar e avaliar situações de aprendizagem tendo principalmente a pesquisa como fundante e não reduzir as práticas curriculares a processos de tirar dúvidas de conteúdos ou meramente fundados na instrução programada dos mesmos. Quando eu falo em ter a pesquisa como fundante, é ter espaço para produzir questões, de organizar grupos para buscar respostas a essas questões dentro de contextos sócios técnicos concretos e reais, de demandas da sociedade organizada e da própria prática de produção do conhecimento científico. O papel do professor é mediar, arquitetar, para isso ele precisa ser bem formado, bem remunerado e supervalorizado.

**WCO:** Existe uma resistência das escolas e dos professores em integrar as tecnologias digitais nas práticas cotidianas, qual o principal motivo dessa resistência? Que políticas poderiam ser adotadas para mudar esse cenário?

**EOS:** Começarei falando do conceito de resistência que é uma palavra polifônica, mas imediatamente eu lembro do teórico crítico Girox que desmitificava a noção de resistência como algo pejorativo, ele fala de resistência como algo estratégico, inteligente por meio da qual o professor não se submete a demandas do hegemônico, resiste de forma inventiva, acionando táticas de sobrevivência, dizendo não a certas pressões do mercado capitalista selvagem.

Ao falar dos professores/nós é preciso ter muito respeito, porque vivemos com dilemas que vêm de várias áreas, somos sobrecarregados, não contamos, na sua grande maioria, com ambientes fecundos para desenvolvermos as nossas autorias e projetos, não somos bem remunerados, não contamos com condições de trabalho sintonizadas para as demandas do nosso tempo. Muitas vezes, quando novas coisas aparecem nas escolas, surgem com o nome de novas tecnologias, então muitas vezes os professores resistem no sentido de não querer usar em suas praticas por conta de sobrecarga,

geralmente, por falta de investimento e principalmente por uma lacuna de políticas de formação.

As nossas pesquisas revelam que as políticas educacionais, públicas e privadas, valorizam muito mais a aquisição de equipamentos do que as políticas de formação em exercício, formação continuada, juntamente com essas, mais tempo para pensar e refletir sobre as práticas e planejar de forma autoral o próprio currículo. Mesmo assim, ainda ousamos e criamos currículos em ato.

Do meu ponto de vista, é preciso uma reforma completa na condição de trabalho do professor que inclua os seus processos formativos. Os professores, em geral, já fazem parte daquilo que outrora chamamos de geração net.

Hoje, nós temos professores que usam em seus contextos sociotécnicos e culturais as tecnologias digitais em redes, sejam nos computadores, nos dispositivos móveis ou até mesmo nas mídias locativas em suas relações comunicacionais, muitas vezes, ubíquas e mobilidades.

Mas quando o assunto é levar para a sala de aula, em geral, falta formação específica. Eu não sou a favor de reduzir a atividade cultural com as tecnologias a processos didáticos ou pedagógicos centrados em conteúdos, mas, também não ignoro essas práticas, só não as ponho na centralidade. Eu acredito que devemos investir concretamente em políticas formação de professores.

O Brasil já teve momentos fecundos, com políticas públicas concretas, principalmente com o uso dos computadores e do audiovisual nas escolas, mas em todos as políticas e em todos os programas que eu acompanho, a partir de meados dos anos 90, esses programas foram, em grande parte, centrados na oferta de conteúdos e atividades para os professores.

Em vez de investirmos na autoria do professor para o uso das tecnologias, muitas vezes, os programas valorizavam a oferta de conteúdos praticamente prontos para que ele possa utilizar em suas aulas. Se analisarmos o antigo programa de TV vídeo escolas, notaremos que as escolas ganhavam antenas parabólicas, repositórios com audiovisual, que o próprio Ministério encomendava, mas, neste kit eu nunca vi uma filmadora, por exemplo.

Por que ter, apenas, acesso a canais com conteúdos prontos? Claro que a gente sabe que ter acesso a repositórios e acervos é muito bom. Mas, por que não chegavam tecnologias de autoria, como a filmadoras para que os professores pudessem produzir as suas próprias audiovisualidades?

Com o computador e internet também foi um pouco assim, começamos essas políticas dos chamados PROINFO inicialmente com softwares prontos. Depois, migramos para o acesso a internet, para os ambientes virtuais de aprendizagem. Porém, muitas vezes, os projetos não contemplavam as autorias dos professores e, quando contemplavam, dificilmente saíam dos seus pilotos de atuação. O projeto um computador por aluno, por exemplo, não chegou a ser projeto propriamente dito, ficou exatamente no plano de piloto com experimentos pontuais e localizados.

Na última gestão do governo Dilma e especialmente nesse momento de golpe, não contamos com práticas e programas de formação de professores em contextos de cibercultura. Espero que isso tudo seja retomado, em breve, com a volta da democracia em nosso país e que também avancemos em buscar diversidade de grupos de pesquisa que possam colaborar com as políticas públicas e, sobretudo, saber dos professores como eles fazem. O que fazem? Precisamos valorizar as práticas cotidianas.

Muitas coisas acontecem nas escolas e, geralmente, os professores não contam com espaços de visibilidades das suas próprias práticas. A exclusão digital é uma realidade.

Se eu fosse simular um projeto de formação de professores, começaria com um mapeamento das boas práticas de como os professores fazem e contaria com grupos de pesquisa autorizados para muitos diálogos entre redes educativas e transitam na interface cidadeciberespaço, escola-universidade-movimentos sociais.

**WCO:** A educação a distância existe há muito tempo. Você considera que houve de fato mudanças nas formas de se pensar e de se fazer educação a distância? Por que você usa o termo educação online em vez de educação a distância?

**EOS:** Entendemos por educação a distância os processos educacionais mediados por tecnologias, essas tecnologias acabam sendo mediadoras na relação dos processos de ensino e aprendizagem. A educação a distância é uma modalidade

educacional que não conta com os sujeitos envolvidos compartilhando em espaços e tempos numa relação *face to face*. Na EaD, as pessoas estão geograficamente dispersas, alunos, professores, gestores, desenvolvedores. Essas conexões, entre esses sujeitos, são feitas através dos materiais didáticos, sobretudo, estruturados pelos meios massivos, deste os impressos aos áudios visuais e até a própria internet, o próprio digital.

O que caracteriza a educação a distância, classicamente, é a possibilidade de desenhar conteúdos e situações de aprendizagem para serem consumidos e trabalhados de forma individual a partir do auto-estudo. Então, o aluno recebe esse material que o convoca a aprender, ele estuda de um jeito solitário e desenvolve seus conteúdos, atividades e exames.

Sabemos que historicamente a educação a distância é válida, é legítima, ela forma e certifica as pessoas, as prepara para o mundo do trabalho porque aprendem por mediações que são sempre feitas pelas linguagens.

Ninguém sai do mesmo jeito de uma exposição de arte, depois que lê um livro, ou que tem acesso a um conteúdo estruturado e bem desenhado, que é o que caracteriza a educação a distância.

A internet e o digital vieram exatamente para quebrar essa noção de distância. Quando se tem um desenho didático arquitetado para não só investir no auto-estudo, mas sobretudo engendrar possibilidades de encontros. Estar geograficamente disperso com o digital em rede não é estar distante, é estar disperso, mas juntos, a partir de um outro tipo de presença, que é a presença online, a presença virtual, e isso se faz com tecnologia digital lançando mão das potencialidades dos tempos síncrono e assíncrono, cabe lembrar que nem sempre isso é realizado.

O que entendemos por online é qualquer processo educacional, formal ou não formal, mediado pelo digital em rede que não se restringe ao auto-estudo, mas sobretudo, invista naquilo que chamamos de aprendizagem interativa ou colaborativa que é quando as pessoas se encontram para conversar, tencionar e produzir o próprio currículo, a própria aprendizagem e a formação.

Eu procuro entender a educação online não como a evolução da EaD, porque eu refuto exatamente os processos de ensino e aprendizagem solitários e centrados no

auto-estudo. Penso que com o digital podemos fazer colaboração, trabalhos em grupo, obviamente, tentando combinar sempre com o auto estudo. Então, a educação online, hoje, pode se materializar de várias formas, inclusive utilizando dispositivos móveis.

A educação online, na literatura, aparece com terminologias diferentes, alguns preferem chamar de ensino híbrido, o que eu não gosto muito porque eu entendo que o digital está na pele da cultura, não é algo que está dentro ou fora, mas está entre, com, dentro e quando não está é materialidade do que chamamos de exclusão digital ou exclusão cibercultural. Na literatura autorizada a educação online pode de materializar como ensino híbrido, e-learning, mobile learning e até aprendizagem ubíqua, mas aprendizagem ubíqua, como já contextualizou Lucia Santaella, é essa forma de aprender sem necessariamente ter um desenho curricular formal.

Todo processo de aprendizagem que acontece nessa relação da cidade, ciberespaço e mobilidade. Assim, aprendemos nas mediações, com as linguagens, com os signos, com as mensagens que circulam em nossos dispositivos móveis.

Porém, quando se trata de intencionalidade pedagógica, de estruturação de desenhos curriculares estamos diante do que chamamos de educação online, que hoje pode ser móvel ou ubíqua.

Nos anos 2000 quando conceituamos educação online já contemplávamos as experiências formativas com a cibercultura, então, eu conceituo educação online como qualquer atividade formal e/ou não formal mediada pelo digital em rede e isso pode acontecer com as pessoas geograficamente dispersas ou não ou na mistura do *face to face* com a dispersão geográfica.

**WCO:** Você coordena o GPDOC (Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura), como é a atuação desse grupo e de que forma essa pesquisa tem contribuído para busca novos sentidos na educação online?

**EOS:** O nosso Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura está cadastrado no diretório do CNPQ, é vinculado ao ProPEd – Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, programa que já conta com três avaliações de excelência na CAPES, tem a nota 7, lembrando que esse número não é uma mera quantidade, mas consideramos também que a quantidade é qualidade em

extensão. Nosso esforço, junto a esse coletivo, que procura formar professores e pesquisadores é investir no que chamamos de docência na cibercultura. É importante frisar, com muita clareza, que o nosso grupo trabalha conta três frentes:

A primeira é a compreensão da cibercultura: que tempo é esse? Que cultura é essa? Que práticas culturais são engendradas com as mediações do digital em rede?

Cada vez que pessoas se conectam com o digital em rede fenômenos emergem e o digital em rede se transforma a todo momento. Já falamos de Web 1.0, Web 2.0, Web 3.0, hoje o que a gente fala de Web 4.0 nem é mais Web, já explodiu, já está aí na cidade, nos objetos, nas formas de trabalhar, em toda a diversidade dos trabalhos com a gamificação, com o uso de games, realidade virtual e realidade aumentada. O primeiro desafio é compreender que fenômenos são esses? Que cultura é essa? Qual é o nosso lugar dentro dessa cultura?

Investir no ativismo contra a exclusão que essa própria cultura vem proporcionando. Primeiro desafio é tentar entender o que é isso, que cena é essa e quais processos educacionais também emergem, para fazer pensar as práticas pedagógicas e/ou curriculares.

A nossa segunda frente é desenvolver situações e ambiências formativas. Estamos falando de formação de professores e pesquisadores, então o nosso segundo desafio é tentar estudar e desenvolver o que chamamos de educação online, como já citei, a educação online não é uma mera evolução da EaD massiva e estruturada pelos meios de massa. Pensar em processos educacionais inspirados nas próprias formas de ser e estar na cultura contemporânea. A educação online é trabalhada não só como campo de pesquisa, mas também como objeto, como contexto. Estamos desenvolvendo diversas formas de produzir conhecimento de práticas curriculares e de ser professor em contexto da educação online. O nosso investimento pedagógico é no conceito e nas práticas de educação online.

O terceiro movimento é desenvolver metodologias de pesquisa que possam fazer essa articulação entre o que acontece na cultura e o que acontece na formalidade dos processos educacionais, por isso fazemos a opção pela pesquisa-formação na cibercultura, que é um método de pesquisa que não aborta a atividade docente em seu processo. Pesquisamos no contexto do nosso ato de trabalho, que é a docência

propriamente dita, desenvolvendo atos de currículos e situações formativas, pesquisando com esse viés, gerando, produzindo, forjando narrativas, imagens e sons para dialogarmos na tentativa de compreender essa relação de cultura com educação.

Hoje nossa frente de autoria triangula entre a compreensão da cultura, habitar esses espaços culturais, desenvolver pedagogia centrada no que a gente entende por educação online e desenvolver também formas de pesquisar.

A pesquisa-formação, da forma como fazemos, partilhamos de uma bricolagem de informações teórico-metodológicas, principalmente, na multireferencialidade, nas pesquisas com os cotidianos e na própria teoria interdisciplinar de cibercultura.

Para nós, cibercultura não é só tecnologia para ser aplicada, não entra em nossos trabalhos apenas como contexto, mas entra também como inspiração epistemológica porque já é uma área constituída de forma inclusive interdisciplinar.

Por isso, o nosso grupo está diretamente ligado a Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, que é a ABCiber, associação que eu sou atualmente vice-presidente.

No momento de comemoração dos dez anos de sua fundação, a ABCiber está muito mais aberta a outras áreas, para além da área da comunicação. Ter uma educadora, uma pesquisadora em educação na vice-presidência da ABCiber não é meramente simbólica, mas é também perceber que a educação já faz parte de forma legítima, no Brasil, dos estudos da cibercultura. A Associação se caracteriza pela pluralidade de saberes e agrega uma riqueza enorme por conta da diversidade de áreas que tentam compreender esse fenômeno tão complexo.

O GPDOC é um grupo que existe há 10 anos, assim como a ABCiber, já formamos doutores, pós-doutores e muitos mestrados. A nossa obra é acessada de forma aberta e livre pelo site<sup>4</sup> do programa, toda obra está lá, ao navegar o leitor vai perceber que cada dissertação e tese ativa e ou forja um dispositivo completamente singular. Entendemos por dispositivo o conjunto de meios materiais ou intelectuais que o pesquisador lança mão em contexto de docência para desenvolver atos de currículo, ao forjar esses atos de currículo ele pesquisa.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.proped.pro.br>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

Refutamos sobremaneira a ideia de coleta de dados, preferimos trabalhar com a noção e prática de produção de dados em contexto de docência. Todas as criações didáticas, todos os atos de currículo, que ativamos na docência, são dispositivos e disparadores de pesquisa e formação. Ao produzir conversações, diálogos e tensões nosso esforço de interpretação desse contexto se materializa em nossas dissertações e teses de maneira a forjar categorias empíricas. Com estas dialogamos, acionamos outras teorias e assim nos autorizamos.

Aproveito para convidar a todos os leitores da revista TECCOGS do TIDD que quiserem conhecer o que é fazer pesquisa-formação na cibercultura a acessarem os nossos trabalhos e estabelecerem conosco diálogos e práticas.

**WCO:** Quais são os seus planos na coordenação do GT 16 “Educação e Comunicação” da ANPED?

**EOS:** Neste próximo biênio, eu e a professora Lucila Pesce (Unifesp), somos as atuais coordenadoras do GT 16, que é o Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, nós somos pesquisadoras ativas no GT, já algum tempo fazemos parte do conselho de pareceristas, na última reunião de 2017 fomos eleitas, pela comunidade, coordenadoras do GT. Nossa intenção é intensificar a comunicação dos membros e pares do GT 16, porque apesar de sermos um coletivo que trabalha com a educação e comunicação, as nossas próprias relações comunicacionais não acontecem de forma ubíqua ou de forma mais presencial virtual. O nosso grupo de trabalho funciona muito mais na socialização de nossas pesquisas, nos seminários presenciais, obviamente que constituímos uma rede com agendas políticas e pedagógicas por todo o país, mas a nossa intenção é de intensificar, inclusive, o trabalho online, a troca de experiências, a difusão e divulgação científica. Faz parte do nosso projeto intensificar a comunicação online dos membros e também tecer redes efetivas de colaboração entre grupos de pesquisa, uma vez que a ANPED se organiza por grupo de trabalho e também gostaríamos de se relacionar de uma forma mais efetiva com os outros GTs, tentando quebrar, um pouco, essa lógica da divisão do trabalho e das áreas de conhecimento em grupos. Eu penso que esse é um desafio enorme, em linhas gerais, a pós-graduação em educação muitas vezes desconhece a potência do campo da cibercultura ou da cultura

digital, muitas vezes o entendimento da cultura contemporânea acaba sendo feito pelo entendimento de aplicação de tecnologia. No campo da educação há uma tradição, uma história de luta muito crítica ao tecnicismo, da qual eu compartilho, mas por outro lado, nós sabemos que já contamos com experiências que superam as práticas tecnicistas. Há uma diversidade enorme de grupos que trabalham com o digital de várias formas, temos área como informática na educação, que se preocupam muito com o desenvolvimento de tecnologias para serem aplicadas e engendram novas formas de pensar, novas cognições ou até processos de ensino/aprendizagem. Contamos com grupos inspirados na tradição dos estudos latino americanos no campo dos estudos culturais das mídias. Temos também, no Brasil, grupos fortes sobre a própria educação a distância, na qual o Brasil já pratica desde que a educação a distância foi legitimada pela nova Lei de Diretrizes e Bases. Temos também os grupos da área da tecnologia educacional, mídia infância, dentre outros.

No campo da cibercultura e educação, temos poucos grupos de pesquisa no Brasil, mas com produção potente e inovadora. Toda essa diversidade citada aqui faz parte do GT 16, o que faz o GT ser extremamente rico, fecundo, também pela diversidade de entendimentos da relação de interface entre educação e comunicação. Muitas vezes a centralidade está no dispositivo e não exatamente nos processos de interface das áreas, o nosso GT se preocupa muito com esse processo de interface entre esses dois campos que já são interdisciplinares por fundamento.

Esse é o nosso desafio, fazer o próprio GT se comunicar mais e com o potencial do digital em rede, fazendo com que essa comunidade dialogue mais para além do tradicional encontro *face to face* das reuniões políticas da associação que são várias e atualmente com desafios enormes, que passam pelo combate a essas situações constrangedoras, conservadoras e até fascistas. Os desafios são enormes e exigem de nós práticas ativistas.

**Enviado:** 17 outubro 2017

**Aprovado:** 6 novembro 2017